



**A EDUCAÇÃO DO CAMPO EM TEMPOS DE PANDEMIA DE COVID-19: COMO O PROFESSOR
TEM REINVENTADO SUA PRÁTICA**

**FIELD EDUCATION IN TIMES OF PANDEMIC BY COVID-19: HOW THE TEACHER HAS
REINVENTED HIS PRACTICE**

Hérika Schneider Sobral do Nascimento¹, Alex Correa Pontes², Jessé Alves de Araujo³

Submetido em: 20/05/2021

e25333

Aprovado em: 10/06/2021

RESUMO

Este artigo tratará da educação do campo em tempos de pandemia por covid-19 e como o professor tem reinventado sua prática, sabendo das dificuldades históricas que a educação sempre enfrentou, buscaremos neste artigo compreender como o docente do campo vem enfrentando os desafios do ato de educar diante o cenário de pandemia mundial, uma vez que as aulas têm sido adaptadas para o ensino remoto de urgência. Compreender o processo de readaptação da prática didática do professor é imprescindível para percebermos se a educação do campo tem avançado em meio à crise que a educação vivencia. Nesse sentido, será abordado, neste texto, uma análise histórica e bibliográfica destes eventos, com o fim de justificar a existência e o fortalecimento das escolas do e no campo, necessitando de políticas públicas educacionais condizentes com os anseios dos povos do campo. A educação do campo não é um assunto fácil de se tratar, pois ela sempre foi marcada por desigualdades e exclusão.

PALAVRAS-CHAVE: Campo. Educação. Pandemia. Exclusão.

ABSTRACT

This article will deal with rural education in times of pandemic by covid-19 and how the teacher has reinvented his practice, knowing the historical difficulties that education has always faced, we will seek in this article to understand how the rural teacher has faced the challenges of the act of educating in the face of the global pandemic scenario, since the classes have been adapted for urgent remote teaching. Understanding the processor of (re) adaptation of the didactic process of the processor is essential to understand if education in the field has advanced in the midst of the crisis that education is experiencing. In this sense, a historical and bibliographic analysis of these events will in order to justify the existence and strengthening of schools in and in the countryside, in need of public educational policies consistent with the wishes of the people of the countryside. Rural education is not an easy subject to deal with, as it has always been marked by inequality and exclusion.

KEYWORDS: Field. Education. Pandemic. Exclusion.

¹ Pedagoga pela UFPB. Mestranda em educação pela Universidade Estadual de Roraima - UERR

² Licenciado em Educação Física pela Universidade Federal do Amazonas – ICSEZ. Mestrando em educação pela Universidade Estadual de Roraima - UERR

³ Mestrando em educação pela Universidade Estadual de Roraima - UERR



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A EDUCAÇÃO DO CAMPO EM TEMPOS DE PANDEMIA DE COVID-19:
COMO O PROFESSOR TEM REINVENTADO SUA PRÁTICA
Hérica Schneider Sobral do Nascimento, Alex Correa Pontes, Jessé Alves de Araujo

INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é buscar compreender como o professor da educação do campo tem enfrentado as dificuldades ocasionadas pela pandemia por COVID-19 uma vez sabido que a educação do campo sempre foi defasada e aquém da educação urbana, haja visto sua construção histórica e neste sentido buscaremos correlacionar a *educação do campo*, a *educação remota* e os *desafios do professor do campo*.

Este projeto tem como fundamento a experiência acadêmica enquanto docente da Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Durante nossa graduação tivemos a oportunidade de participar de alguns Projetos de Pesquisa e Extensão pelos quais destacamos o Projeto Escola Zé Peão como sendo divisor de águas da nossa formação pedagógica. A experiência no Projeto Escola Zé Peão – alfabetização nos canteiros de obras, que é fruto de uma parceria entre a UFPB com o Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias da Construção e do Mobiliário de João Pessoa (Sintricom) que tinha como objetivo principal contribuir para a educação e “ser uma escola especialmente pensada para o operário”, como afirma Timothy Denis Ireland, coordenador do projeto e professor do Departamento de Metodologia da Educação (DME) da UFPB.

A partir da vivência citada e apoiada nas leituras de Paulo Freire, Pimenta e Renato Ortiz, entre outros autores, foi despertada em nós a importância de uma educação emancipadora, solidária, participativa e sobretudo que contemplasse a dialogicidade e os saberes de cada educando. A partir daí é nosso interesse pesquisar e aprofundar nosso conhecimento acerca da Educação Popular e suas vertentes, tal qual a educação do campo, acreditando que esta temática é pontual e necessária para fomentação atualmente e futuros.

A pesquisa possui relevância social, acadêmica e profissional. A primeira relevância se dará por enfatizar o contexto social, cultural e econômico do aluno e do professor do campo, promovendo o estímulo ao respeito às diferenças, sendo assim instrumento contra o preconceito. Já a segunda, torna-se relevante porque contribuirá com futuras pesquisas na academia e reforçará a necessidade de mais publicações sobre a temática. A terceira relevância se dará pela necessidade de aperfeiçoamento do pesquisador, onde o mesmo se (re) significará no âmbito pessoal e profissional. Além disso, nossas inquietações relativas ao problema da pesquisa, além de apresentar a possível abordagem metodológica a ser adotada na investigação, tendo em vista a necessidade de buscar respostas para a problemática proposta.

EDUCAÇÃO DO CAMPO UMA VERTENTE DA EDUCAÇÃO POPULAR

Neste item trataremos a educação popular e a educação do campo, direcionando o foco para o período que compreende o início da educação no Brasil até a contemporaneidade, com o intuito de



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A EDUCAÇÃO DO CAMPO EM TEMPOS DE PANDEMIA DE COVID-19:
COMO O PROFESSOR TEM REINVENTADO SUA PRÁTICA
Hérica Schneider Sobral do Nascimento, Alex Correa Pontes, Jessé Alves de Araujo

compreender e descrever como acontece o trabalho docente com alunos do campo no período da pandemia por COVID-19, a fim de apontar os diversos recursos metodológicos que podem ser adotados pelo docente com o propósito de contribuir com o ensino aprendizagem dos alunos do campo envolvidos no processo. Para esta discussão trazemos Paulo Freire, em sua obra Educação como prática de liberdade, 1981, ícone da história da educação brasileira, pois é imprescindível falarmos sobre Freire, não somente pela sua importância enquanto educador, mas, também, como construtor de uma proposta de educação para todos os brasileiros - uma educação popular.

Para uma colônia que foi explorada por mais de 300 anos, o desenvolvimento de um sistema educacional para todos não era considerado prioridade, o campo sempre visto como meio de produção da riqueza, não necessitava de escolas e sim de trabalhadores. Os primeiros colonizadores que aqui chegaram em 1500, encontraram um povo do e no campo, onde obtinham todos os seus recursos diretamente das suas atividades agrárias como coletores e agricultores. Não necessitavam de qualquer outra forma de subsistência e tudo o que aprenderam foi transmitido de geração em geração por princípios orais e práticos. Estes povos tiveram seus direitos arrancados e sua cultura transformada a força para uma nova forma de produção. (BARRETO 2003)

No Brasil de 1500 até os dias de hoje, a educação do campo ainda sofre esses efeitos de colonizadores e de uma política hegemônica voltada as grandes corporações e uma economia globalizada, territorializada. Conforme Renato Ortiz em seu livro Mundialização e Cultura, essa globalização entrou sem pedir permissão, e hoje nos vemos forçados a migrar do campo para cidade para satisfazer os desejos cada vez mais ambiciosos desse movimento (ORTIZ, 2000, p 8).

Na virada do século, percebemos que os homens se encontram interligados, independentemente de suas vontades. Somos todos cidadãos do mundo, mas não no antigo sentido, de cosmopolita, de viagem. Cidadãos mundiais, mesmo quando não nos deslocamos, o que significa dizer que o mundo chegou até nós, penetrou nosso cotidiano.

As pessoas que tinham suas atividades no campo, como os negros africanos comprados como escravos ou índios capturados para o mesmo fim, não podiam esperar políticas educacionais, pois não se considerava necessário saber ler e escrever para trabalhar com a terra.

O modelo de desenvolvimento implementado no campo brasileiro foi tão excludente que marca até hoje o modelo de educação adotado no Brasil. A escola brasileira, de 1500 até o início do século XX, serviu e serve para atender as elites, sendo inacessível para grande parte da população rural. Para as elites do Brasil agrário, as mulheres, indígenas, negros e trabalhadores rurais não precisavam aprender a ler e escrever, visto que nessa concepção para desenvolver o trabalho agrícola não precisava de letramento. (SILVA. 2000. p 1)

Ainda que encontramos ações de educação rural no século XIX, é a partir dos anos de 1930 do século XX, conforme Ghiraldelli (2006), a educação, de modo geral, começou a ter um certo destaque, devido ao manifesto escola novista (1932) e também ao novo modo de pensar da nova sociedade brasileira que começou a considerar que seus filhos, uma vez fora da zona rural, ou seja,



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A EDUCAÇÃO DO CAMPO EM TEMPOS DE PANDEMIA DE COVID-19:
COMO O PROFESSOR TEM REINVENTADO SUA PRÁTICA
Hérica Schneider Sobral do Nascimento, Alex Correa Pontes, Jessé Alves de Araujo

do campo, poderiam escapar do serviço braçal desgastante, isto aconteceu devido a uma migração do povo do campo para a cidade, devido a uma industrialização do país.

Com o avanço de políticas liberais e de um forte pensamento positivista, aliado ao movimento do capital e da desestruturação da produção camponesa, as escolas se tornaram um meio ou um modo de força de trabalho para abastecer o mercado, isso não se fez diferente nas escolas do campo. Esse referencial implantou-se, de forma definitiva como um modelo de escola na área rural (SILVA 2004 p.2).

Assim como a Educação Popular, a Educação do campo também é um modelo de educação de correntes das lutas dos movimentos populares, sociais e sindicais. A Educação Popular, enquanto proposta de educação emancipatória e libertadora dos processos de opressão, exclusão, alienação e violência, tem seu auge de representação e força entre os anos de 1950 e início de 1960, com as experiências dos movimentos de cultura popular, com as experiências de alfabetização de jovens e adultos sob a influência de Paulo Freire. Na época da ditadura militar muitas vozes foram reprimidas e silenciadas e diversos processos educativos foram extintos. No final dos anos 1970 e começo dos anos 1980, movimentos sociais populares retomavam seus discursos e lutas contra a ditadura militar em favor da democracia.

Com o fim da ditadura militar, no governo do General João Batista Figueiredo que governou o país de 1979 a 1985, houve uma nova abertura e conseqüentemente uma redemocratização abrindo o país para um nova Constituição que foi decreta e promulgada em 1988. Impulsionada pela campanha das diretas já, o povo saiu as ruas exigindo a escolha dos seus representantes através das eleições por voto direto e secreto.

A EDUCAÇÃO REMOTA

Atualmente o mundo vive uma crise determinada por uma pandemia de COVID-19 onde a saúde, a educação e demais seguimentos da sociedade tiveram suas vidas modificadas. Sendo necessário uma readaptação no estilo de vida das pessoas e do mercado de trabalho e com a educação não poderia ser diferente, as escolas também tiveram que se readaptar e logo surgiram os questionamentos sobre os desafios e as possibilidades de como ensinar a distância, insegurança essa que permeou entre profissionais, pais e alunos.

Diante do atual cenário, esta pesquisa bibliográfica vem buscar através de outros estudos, compreender como pode ser possível uma educação assíncrona e quais os desafios e possibilidades que traz essa nova ferramenta de estudo. A princípio devemos compreender que o Ensino Remoto Emergencial (ERE) e Educação a Distância (EAD) são propostas diferentes de ensino, segundo a cofundadora da Têssera Educação, Head de Cursos Híbridos e Metodologias Ativas da Unicesumar EAD Thuinie Daros "À atividade ou aula remota pode ser considerada uma solução temporária para continuar as atividades pedagógicas e tem como principal ferramenta a internet. Para Thuinie Daros,



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A EDUCAÇÃO DO CAMPO EM TEMPOS DE PANDEMIA DE COVID-19:
COMO O PROFESSOR TEM REINVENTADO SUA PRÁTICA
Hérica Schneider Sobral do Nascimento, Alex Correa Pontes, Jessé Alves de Araujo

essas aulas surgiram com “a finalidade de minimizar os impactos na aprendizagem dos estudantes advindos do sistema de ensino originalmente presencial, aplicadas neste momento de crise.

Desse modo, percebemos que existem diferenças que devem ser consideradas e características pertinentes a cada modalidade e proposta de ensino, e a partir daí entendemos que um dos desafios do ensino remoto está na estruturação da proposta pedagógica, uma vez que este plano de ensino foi elaborado pensando numa determinada carga horária, bem como contemplou espaços e materiais físicos e, diante disso, compreendemos como sendo o objetivo geral da pesquisa em curso analisar, a partir da revisão bibliográfica, como os professores da educação do campo têm enfrentado as dificuldades ocasionadas pela pandemia por COVID-19, a fim de perceber se este processo se dá através de um processo de inclusão ou de exclusão com os envolvidos no processo de ensino aprendizagem no contexto da pandemia.

IDENTIDADE DO PROFESSOR DO CAMPO

Neste tópico abordaremos a temática identidade e saberes de professores que atuam no campo. O Brasil é conhecido pela sua diversidade cultural e linguística, situação que é mais evidente em Roraima, por ser um estado que faz fronteira com dois países que falam línguas diferentes.

Para Pimenta (2008), identidade não é um dado mutável, nem externo, que possa ser adquirido, mas é um processo de construção do sujeito historicamente situado, desse modo percebemos que a profissão de professor é resultado de uma continua transformação da sociedade a fim de corresponder a uma expectativa dela. Tal versatilidade possibilitou que a profissão de professor não desaparecesse, contudo fosse modificada e (re) significada a medida em que a sociedade se desenvolvesse, pois, a educação sofre as consequências por não acompanhar o crescimento quantitativo dos sistemas de ensino.

Por tanto, faz-se necessário que haja a definição de uma nova identidade para o professor a fim de que seja identificado que o professor está apto a colaborar com os processos emancipatórios da comunidade. Desse modo é importante que o docente tenha habilidades em utilizar os mais diversos recursos tecnológicos ao seu favor, a fim de corroborar com o ensino, tornando-se um mediador entre as tecnologias e o processo de ensino aprendizagem dos seus alunos. Dessa forma, Pimenta (2008), resgata a importância de considerar a formação própria do professor, num processo de autoformação e de reelaboração dos saberes iniciais em confronto com sua prática vivenciada, refletindo constantemente sobre sua ação e sobre sua prática.

Logo, defende-se que os conteúdos devem ser ministrados numa perspectiva local e regional para que o aluno possa, a partir desse conhecimento, fazer inferência sobre a realidade global. A partir do conhecimento construído e internalizado o aluno vai poder compreender não só a realidade



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A EDUCAÇÃO DO CAMPO EM TEMPOS DE PANDEMIA DE COVID-19:
COMO O PROFESSOR TEM REINVENTADO SUA PRÁTICA
Hérica Schneider Sobral do Nascimento, Alex Correa Pontes, Jessé Alves de Araujo

que o cerca, mas também a realidade de outros povos e nações, compreendendo os diferentes aspectos culturais pertinentes a cada sociedade.

Baseados nessas reflexões quanto ao ensino nas escolas é fundamental que o professor seja um mediador entre os saberes existentes e possíveis de modo que venha contribuir com o desenvolvimento cultural onde está inserido, impedindo que barreiras culturais se tornem agentes excludentes e preconceituosos. É importante que o ensino possa contribuir para a ampliação do universo cultural e político, da população do campo, servindo como aquisição importante em suas novas formas de luta e resistência e não para o reforço de preconceitos e ampliação da marginalização do aluno do campo.

É preciso avançar cada vez mais em relação a educação do e no campo; pois a promulgação da constituição de 1988 que regulamenta a educação do campo, precisa ser aplicada no contexto escolar camponês, para que de fato se tenha uma educação do campo e no campo com qualidade. É necessário destacar as lutas dos movimentos sociais em conjunto com uma sociedade organizada para que o direito à educação do e no campo fosse também garantido à população camponesa e que acima de tudo fosse uma educação voltada para os interesses e necessidades desta população (RODRIGUES E BONFIM 2017 p3)

Portanto, a LDBEN expressa de maneira veemente que o ensino ministrado nas escolas e em particular as escolas do e no campo, compreende apenas um dos processos formativos do ser humano, daí a necessidade da escola, do aluno e professor estarem inseridos em seus contextos, logo a LDB 9394/96 foi promissora para o avanço da educação dos povos do campo

Destacamos mais uma vez a LDB em seu artigo 28 que alude à oferta de uma educação do campo promovendo um currículo e metodologias apropriadas aos interesses dos alunos da zona rural.

Art. 28. Na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente: I – conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural; II – organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas; III – adequação à natureza do trabalho na zona rural.

Em seu artigo 12º traz que *os estabelecimentos de ensino, respeitadas as normas comuns e as do seu sistema de ensino, terão a incumbência de: VI – articular-se com as famílias e a comunidade, criando processos de integração da sociedade com a escola*

No que se refere aos docentes, nossa atual LDBEN 9394/96 define que estes, entre outros encargos, devem colaborar com atividades que articulem escola, sociedade e família.

Família e sociedade.

Art. 13. Os docentes incumbir-se-ão de: V – ministrar os dias letivos e horas-aula estabelecidos, além de participar integralmente dos períodos dedicados ao planejamento, à avaliação e ao desenvolvimento profissional; VI – colaborar com as atividades de articulação da escola com as famílias e A comunidade.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A EDUCAÇÃO DO CAMPO EM TEMPOS DE PANDEMIA DE COVID-19:
COMO O PROFESSOR TEM REINVENTADO SUA PRÁTICA
Hérica Schneider Sobral do Nascimento, Alex Correa Pontes, Jessé Alves de Araujo

Associado ao artigo 12º onde os estabelecimentos de ensino terão a incumbência de “VI – *articular-se com as famílias e a comunidade, criando processos de integração da sociedade com a escola*”

Temos a necessidade de que o professor seja estabelecido na região onde o aluno e a escola estão. Conforme o artigo 23º que permite a organização da educação, em nosso caso escola do e no campo, tenha liberdade para ter uma flexibilidade quanto aos períodos semestrais, obedecendo ciclos climático “§ 2o *O calendário escolar deverá adequar-se às peculiaridades locais, inclusive climáticas e econômicas, a critério do respectivo sistema de ensino, sem com isso reduzir o número de horas letivas previsto nesta Lei*”.

Raimundo Pastor, afirmava que as peculiaridades encontradas no campo não eram encontradas no contexto urbano, portanto, os professores deveriam ser afeiçoados a esse meio. Afeição essa que somente seria possível se o professor compreendesse a vida que o trabalhador rural levava. (PASTOR 1943 p 49). Neste sentido, se o professor não enxergar aquela comunidade como sua, e sentir plena satisfação na sua realização, seria inútil todo o esforço que fizesse para modificar e melhorar a si e aos outros.

Ary Lex, faz coro com Pastor ao afirmar que sem a fixação do professor nos meios rurais, dificilmente se conseguiria fixar as respectivas populações nesse ambiente. (LEX 1973 pp 250).

O professor “talhado” no campo tem mais propriedade para falar, ensinar e entender os alunos “talhados” no campo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Esse avanço pertinente a constituição de 1988, associado às conquistas dos movimentos sociais, possibilitou a organização da educação escolar do e no campo, com os seus sujeitos sociais vivido e vivendo do e no do campo, possibilitando que tenham direito a uma educação de qualidade, diferenciada e continuada, fato que por muito tempo foi negligenciado

Pensar o sujeito do campo nos tempos atuais permite refletirmos sobre qual seu papel na construção da sua identidade cultural e como historicamente foi transformada e assim possibilitar a estes sujeitos a oportunidade de requerer políticas educacionais específicas a sua cultura, a seu trabalho e a sua realidade, de modo que sua identidade cultural possa ser mantida e não se perca dentro da indústria cultural. Visando não apenas o conhecimento escolar, mas acima de tudo, seu direito a terra, a dignidade a valorização dos seus produtos.

A luta é para que este avanço da educação do e no campo, traga para o trabalhador rural e conseqüentemente aos seus filhos, emancipação cultural a fim de possibilitar sonhos e libertação das amarras que os aprisionam.

Diante desta realidade que a pandemia de Covid -19 revelou, demonstrou-se dentre tantas ações inadequadas, um certo descaso para com o professor, pois quando os professores do e no



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A EDUCAÇÃO DO CAMPO EM TEMPOS DE PANDEMIA DE COVID-19:
COMO O PROFESSOR TEM REINVENTADO SUA PRÁTICA
Hérica Schneider Sobral do Nascimento, Alex Correa Pontes, Jessé Alves de Araujo

campo, não podem e não conseguem ministrar suas aulas por diversos fatores, dentre eles a falta de estrutura, falta de recursos de comunicação e tecnologia, transporte escolar de qualidade e tantos outros recursos que lhe são direto, este professor tem que reinventar suas práticas, quer pedagógicas ou de locomoção, para assegurar o mínimo atendimento para esta população. A história do professor Telmo Ribeiro, de 48 anos, publicada no portal G1 RR por Juliana Dama, no dia 06 de agosto de 2020 às 7h30min, descreve a saga que ele e outros cinco colegas de profissão enfrentam para levar aos alunos da escola indígena um pouco dos seus direitos¹. Esta realidade revela a verdade de muitos professores que atuam em outras localidades como escolas do e no campo de que a pandemia de Covid-19 fez com que os professores reinventassem suas práticas pedagógicas.

REFERÊNCIA

BARRETO, Luiz. **Avanço e Retrocessos da Educação Rural no Brasil**. Campinas: UNICAMP, 2003.

DEMO, Pedro. **A nova LDB: ranços e avanços**. Campinas: Papyrus Editora, 1997.

FREIRE, P. **Educação como prática de liberdade**. 12. ed. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1981.

LORENZON, Mateus; SCHUCK, Rogério. **O pensamento de Paulo Freire e a educação no campo na contemporaneidade**. [S. l.: S. n.].

ORTIZ, Renato. **Mundialização e cultura**: São Paulo: Brasiliense, 2007.

PIMENTA, Selma Garrido. Professor reflexivo: construindo uma crítica. *In.*: PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro (Orgs.). **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito**. São Paulo: Cortez, 2008.

RODRIGUES, Hanslilian Correia Cruz; BONFIM, Hanslilian Correia Cruz. A educação do campo e seus aspectos legais. *In.*: **EDUCERE** – Congresso Nacional de Educação, V Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação – SIRSSE e o VII Seminário Internacional sobre Profissionalização Docente (SIPD/CÁTEDRA UNESCO, PUC/PR, 2017).

SILVA, Maria do Socorro. **Educação do Campo e Desenvolvimento: uma relação construída ao longo da história**. Brasília: CONTAG, 2007.

¹ Localizada na comunidade Matri, em Normandia, ao Norte de Roraima, a escola atende crianças e adolescentes indígenas de outras três regiões dentro da reserva Raposa Serra do Sol.